

Apresentação do dossiê

**História e Patrimônio Militar**

**Ianko Bett**

Pós-Doutorando em Estudos Estratégicos Internacionais – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-2658-6690>

E-mail: [iankobett@gmail.com](mailto:iankobett@gmail.com)

**José Miguel Arias Neto**

Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, Paraná, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-7247-1296>

E-mail: [jneto@uel.br](mailto:jneto@uel.br)

**Adler Homero Fonseca de Castro**

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Rio de Janeiro,  
Rio de Janeiro, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0001-6389-3529>

E-mail: [ahfc@centroin.com.br](mailto:ahfc@centroin.com.br)

Apresentar um *Dossiê sobre patrimônio militar* é tarefa desafiadora. Isto porque nos leva à indagação: existe patrimônio militar *stricto sensu*? De recente publicação, no *Dicionário temático de Patrimônio* não há menção ao tema. (CARVALHO; MENEGUELLO, 2020) Isso significa que as questões militares estão fora da reflexão desse campo de especialistas? De modo algum. Há, no Dicionário, uma discussão sobre o *Patrimônio da Ditadura* e sobre *Patrimônios Difíceis* ou *Sombrios* nos quais também se enquadram as ditaduras militares e que apontam para dois caminhos de reflexões de ações patrimonialistas que são necessariamente interligadas. No primeiro caso, trata-se de uma política de memória e de preservação. O que deve ser objeto da memória da ditadura militar? “Lugares de memórias” de cometimento de crimes como, por exemplo, o Complexo de Edifícios Oban/Doi-Codi II Exército, tombado pelo Condephaat em 2014. No segundo, trata-se de patrimônios voltados às memórias como mecanismo de busca de reparações e de justiça e, na ausência destas, auxiliar a reconciliação com o passado. (CARVALHO; MENEGUELLO, 2020, p. 157; 246)

Mas haveria um patrimônio militar para além dos momentos sombrios da história nacional? Este dossiê pode contribuir para esse debate, evidenciando que a resposta é positiva. Mas, ainda assim, ele deixa questões em aberto. O patrimônio militar, na sua versão arquitetônica, seria constituído pelas edificações voltadas à defesa ou à repressão? Seriam os arsenais de Marinha ou de Guerra, versões do patrimônio industrial militar? Uma narrativa pictográfica de batalha elaborada por um pintor civil integra o patrimônio militar? Os estudiosos do patrimônio militar considerariam os prédios do Doi-Codi como patrimônio militar?

São questões candentes que podem, ao lado de outras, contribuir para o avanço das reflexões neste campo. Este dossiê transita por estes problemas e aponta alguns caminhos de reflexão, embora nele não haja nada que tematize os regimes militares, a repressão e os crimes cometidos por estes regimes. Por outro lado, ele indica a análise e reflexão sobre museus, centros de cultura, narrativas pictográficas e históricas.

Há que se destacar que os estudiosos de patrimônio militar entendido em sentido amplo – obras produzidas por militares e não militares acerca de questões militares como a guerra, a arquitetura de defesa, entre outros – têm se dedicado com afinco às suas problemáticas. Eles também têm colocado a público no debate acadêmico, quer nos Simpósios Nacionais de História Militar promovidos pelo GT de História Militar da ANPUH, quer nos Simpósios Temáticos promovido no âmbito dos Simpósios Nacionais e dos Encontros Estaduais de História. Nesse sentido, despontam como polos importantes do estudo da História Militar o Rio Grande do Sul, o Rio de Janeiro, o Paraná e o Piauí. Há outros grupos de História e Patrimônio Militar no país aos quais se deve prestar atenção e buscar integrá-los à ANPUH.

Assim, os trabalhos aqui presentes apontam a riqueza e o crescimento das reflexões sobre o *Patrimônio Militar*.

Abrindo o presente dossiê, Ianko Bett e Luciana da Costa Oliveira apresentam uma análise com base em algumas das pinturas elaboradas pelo Coronel R/1 do Exército Brasileiro, Pedro Paulo Cantalice Estigarríbia, principal artista contemporâneo da Força Terrestre com mais de 250 telas produzidas e expostas em inúmeras Organizações Militares. O artigo tem como enfoque investigativo o processo de construção de narrativas históricas no âmbito do Exército, identificando, nas pinturas e nas descrições empreendidas pelo Coronel Estigarríbia, possíveis intenções de verdade sobre o passado da instituição militar,

suas escolhas e esquecimentos, enfim, a forma como o Exército constrói e difunde o seu passado tanto interna quanto externamente.

Na mesma linha de análise, que relaciona história militar e história da arte, o artigo de Bárbara Tikami aborda a relação entre a Marinha Brasileira e as obras de arte elaboradas por Eduardo de Martino, um jovem napolitano que veio para a América do Sul como tenente da Real Marinha Italiana e renunciou ao trabalho militar para se dedicar à atividade pictórica. O artigo analisa a recepção dos quadros do pintor com base nas notícias veiculadas na imprensa carioca do final do século XIX, a forma com que as obras foram majoritariamente percebidas como pinturas de marinha e associadas à Força Armada Naval do Brasil, e de que forma os escritos jornalísticos contribuíram para a atribuição de sentido das imagens, as quais foram associadas aos grandes feitos da Marinha Brasileira.

Já o artigo de Erica Moraes Cerqueira aborda o projeto de criação do Corpo de Cavalaria do Exército “Dragões da Independência”, apresentado por Gustavo Barroso à Câmara dos Deputados, durante sua atuação como Deputado Federal (1917). Gustavo Barroso foi o intelectual dedicado ao estudo da história militar brasileira, esteve à frente de importantes veículos de comunicação, como o *Jornal do Comércio*, o periódico *A Noite* e a *Revista Fon-Fon*, ingressou na Academia Brasileira de Letras e foi admitido no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro por meio de uma produção historiográfica militar. A partir do desvelamento da complexa malha de relações entre positivistas, republicanos e monarquistas durante a Primeira República, tendo como base empírica a imprensa escrita, o artigo permite identificar os embates, os jogos de interesses e as negociações entorno da viabilização do projeto, assim como os usos políticos e os imaginários mobilizados pelos Dragões da Independência, especialmente, aqueles ambicionados por seu autor.

Juliana Cavalheiro Rodrighiero apresenta o artigo que analisa o processo de restauração da antiga Escola Militar de Rio Pardo/RS. A escola ocupou, entre os anos de 1890 a 1911, o prédio que havia sido construído para sediar a Casa de Caridade. Durante este período, a escola foi responsável pela formação de diversos estudantes, dentre eles Getúlio Vargas e Eurico Gaspar Dutra, ambos ex-presidentes do Brasil. Após diversos usos, em 1965, o prédio foi parcialmente desocupado devido ao péssimo estado de conservação e, em 1991, a “União dos Ex-alunos e Amigos da Auxiliadora” foi criada com a finalidade de se mobilizar para viabilizar a restauração do prédio, que ocorreu por meio da Lei de Incentivo à

Cultura Estadual (LIC) entre os anos de 2002 e 2005, transformando o espaço em um Centro Regional de Cultura. Assim, o artigo destaca a participação social na preservação do patrimônio militar que resulta em um ambiente de valorização e de propagação da história por meio de atividades e ações educativas que ocorrem nesse espaço.

Também com ênfase na valorização patrimonial de origem militar, Maite Hernández Alfonso e Natália Miranda Vieira-de-Araújo abordam a análise das obras de restauração executadas na Praça de Armas de La Habana e como estas repercutiram nos trabalhos de institucionalização do patrimônio em Cuba. A Praça de Armas, além de se constituir no marco fundacional da cidade, permite caracterizar La Habana como uma cidade fortificada, cujas estratégias de defesa contribuíram para articular os espaços urbanos e suas funções.

Inserido no campo de análise dos museus militares, Wilson de Oliveira Neto analisa o contexto de criação do Museu da Paz e a forma como a Segunda Guerra Mundial e a Força Expedicionária Brasileira são abordadas na sua exposição de longa duração. O Museu da Paz faz parte de um conjunto de espaços de memória relacionados à Segunda Guerra Mundial em Jaraguá do Sul e municípios vizinhos (estado de Santa Catarina). A partir de uma abordagem que relaciona a história do museu e da história no museu, o artigo examina a trajetória histórica da instituição, com destaque para o contexto e para as relações políticas e sociais que resultaram na sua criação, em 2009.

Antes de finalizar essa breve apresentação, gostaríamos de ressaltar que o dossiê “História e Patrimônio Militar” abordou, em seu conjunto, importantes questões teóricas e metodológicas da produção do saber histórico e sua interface com as questões patrimoniais e dos bens culturais relacionados a atividades militares. Os artigos abordaram, em diferentes momentos, os usos do passado (história e memória) e os embates em torno dos discursos, narrativas e representações, a produção e (re)invenção de tradições, as políticas públicas de preservação do patrimônio material e imaterial, além de discussões sobre a identificação, o levantamento, a preservação e o registro do patrimônio relacionado a atividades militares e sobre narrativas históricas que tenham como suporte este patrimônio.

Desejamos uma boa leitura!

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, Aline; MENEGUELLO, Cristina. *Dicionário temático de Patrimônio: debates contemporâneos*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2020.

**Ianko Bett** é Pós-Doutorando em Estudos Estratégicos Internacionais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor do Curso de Especialização em História e Gestão de Acervos da Universidade do Passo Fundo (UPF). Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Mestre em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Especialista em História Contemporânea pela Faculdade Porto-Alegrense (FAPA) e Graduado em Ciências Sociais / História pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Entre 2012 a 2020 atuou no Museu Militar do Comando Militar do Sul (MMCMS), onde foi Encarregado do Setor de Pesquisa e História. É Coordenador do Grupo de Trabalho de “História Militar” da Associação Nacional de História – Seção Grande do Sul (ANPUH-RS). Vice-Coordenador do Grupo de Trabalho de “História Militar” da ANPUH/Nacional.

**José Miguel Arias Neto** é Professor do Curso e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Também é Docente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO). Pós-Doutor em Estudos Estratégicos pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutor e Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Graduado em História pela UEL.

**Adler Homero Fonseca de Castro** é Técnico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e Pesquisador associado do Centro de Pesquisa em História Militar do Exército Brasileiro. Doutor em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Graduado em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Curador do Museu Militar Conde de Linhares, Rio de Janeiro. Sócio do Instituto de História e Geografia Militar do Brasil e conselheiro do Museu de Armas Ferreira da Cunha.

### Como citar:

BETT, Ianko; ARIAS NETO, José Miguel; CASTRO, Adler Homero Fonseca de. História e Patrimônio Militar. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 18, n. 2, p. 1-5, jul./dez. 2022. Apresentação do dossiê: *História e Patrimônio Militar*. Disponível em: [pem.assis.unesp.br](http://pem.assis.unesp.br).